

Empresas de Campinas investem em acordos

CLAYTON LEVY

CAMPINAS — Todos os dias, cerca de 800 trabalhadores comparecem à agência da Caixa Econômica Federal (CEF), em Campinas, a 90 quilômetros de São Paulo, em busca do salário-desemprego. Para sindicalistas e empresários, este é o principal termômetro da recessão na região, uma das mais ricas do País e responsável por 8% do Produto Interno Bruto (PIB). Para evitar que a crise assuma proporções catastróficas, patrões e empregados estão optando por acordos, que vão desde a redução da jornada até o pagamento dos salários em mercadorias.

Na semana passada, a unidade de termoplásticos das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo começou a pagar com sabonetes parte da dívida de Cr\$ 120 milhões que tem com os funcionários. Os 165 trabalhadores da fábrica, que será desativada, não recebem

desde setembro. Segundo Amado Valério, diretor do Sindicato dos Químicos, a proposta foi aceita por 90% dos empregados. "Eles poderão vender os sabonetes ou trocá-los por outras mercadorias nos supermercados", conforma-se. Cada empregado está levando, em média, 30 caixas do sabonete Francis, que a Matarazzo produz em Santa Rosa do Viterbo (SP).

A indústria de fogões Dako suspenderá suas atividades às segundas-feiras a partir de amanhã e por tempo indeterminado. Os salários dos 1,5 mil funcionários, porém, não serão reduzidos. O objetivo da medida é diminuir em 20% a produção. "Com a recessão, o mercado de fogões ficou restrito a 40 mil unidades por mês", justifica o superintendente da empresa, Eduardo Buarque de Almeida. A Dako também propôs redução de 13% nos salários, mas o Sindicato dos Metalúrgicos não concordou.